

MANUEL DA SILVA GAIO

Da Academia das Ciências de Lisboa

Os Vencidos da Vida

PREFÁCIO

DO

DR. JOAQUIM DE CARVALHO



COIMBRA
IMPrensa DA UNIVERSIDADE

1931

Sala 5
Gab. 37
Est. 2
Tab. 2
N.º



5
37
2

OS VENCIDOS DA VIDA

OS VINCULOS DA ALDA

17

Manuel da Silva Gaio

Da Academia das Ciências de Lisboa

OS VENCIDOS DA VIDA

PREFÁCIO

DO

DR. JOAQUIM DE CARVALHO



COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1931

OBRAS DO AUTOR

POESIA

- Primeiras rimas* (Ed. da Empr. Lit. e Tip. Porto, 1887), 1 vol.
Canções do Mondego (Ed. de F. França Amado. Coimbra, 1892) 1 vol.
O Mundo vive de Ilusão (Ed. de F. França Amado. Coimbra, 1896), 1 vol.
As Três Ironias (Ed. do autor. Tip. da Imprensa da Universidade, 1897), 1 vol.
Mondego (Ed. de F. França Amado. Coimbra, 1900), 1 vol.
Versos Escolhidos (Ed. de J. Moura Marques. Coimbra, 1905), 1 vol.
Novos Poemas (Ed. do autor. Tip. da Imprensa da Universidade, 1906), 1 vol.
Chave Dourada (Ed. do autor. Tip. da «Renascença». Porto, 1916), 1 vol.
Dom João (Ed. da Companhia Portuguesa Editora Limitada, Porto, 1925), 1 vol.
O Santo (Ed. da Imprensa da Universidade. Coimbra, 1927), 1 vol.
Sulamite (Ed. da Atlântida. Coimbra, 1928), 1 vol.

PROSA

- Um Ano de Crónica* (Ed. da Livraria Bertrand. Lisboa, 1888), 1 vol.
Pecado Antigo (Ed. de F. França Amado. Coimbra, 1893), 1 vol.
Os Novos — I — Muniç Barreto. Estudo crítico (Ed. de F. França Amado. Coimbra, 1894), 1 vol.
Na Volta da Índia. Drama histórico (Ed. do autor. Tip. da Imprensa da Universidade. Coimbra, 1898), 1 vol.
A Encruzilhada. Drama num acto (Ed. da Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1903), 1 vol.
A Dama de Ribadalva, Contos (Ed. da Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1903), 1 vol.
Últimos Crentes. Novela (Ed. da Livraria Clássica Editora. Lisboa, 1901), 1 vol.
Torturados. Romance (Ed. da Livraria Chardron. Porto, 1911), 1 vol.
Da Poesia na educação dos Gregos (Ed. do autor. Tip. da Imprensa da Universidade, 1917), 1 vol.
Eça de Queirós. Carta (Ed. de F. França Amado. Coimbra, 1919), 1 vol.
De Roma e suas Conquistas (Ed. da Sociedade «Portugal-Brasil». Lisboa, 1919), 1 vol.
Eugenio de Castro. Conferência (Ed. da Imprensa da Universidade. Coimbra, 1928), 1 vol.
Pela Ribeira do Mondego. Conferência. Separata da Revista *Biblos* (Ed. da Coimbra Editora. Coimbra, 1929), 1 vol.
João de Deus. Conferência. Separata da Revista *Biblos* (Ed. da Coimbra Editora. Coimbra, 1930), 1 vol.
Plano dum Estudo. Em honra de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos. (Coimbra, Imprensa da Universidade, 1930), 1 vol.

EX-LIBRIS





À MEMÓRIA

de

Eça de Queiroz

do

Conde de Arnoso

do

Conde de Sabugosa

A MEMÓRIA

Exa. de Queros

Comde de Armas

Comde de Sabagoz

Agradeço à Direcção da Associação dos Estudantes da Faculdade de Letras a honra que me deu, convidando-me para presidir a esta conferência. E agradeço-a cordialmente, porque desde logo a traduzi em termos da solidariedade que deve existir entre nós, professores e alunos, isto é, estudantes mais velhos e estudantes mais novos.

Para além desta emoção, por assim dizer profissional, o lugar que neste momento ocupo desperta no meu espírito outros sentimentos.

É que o conferente desta noite e o assunto da sua conferência gozam do raro privilégio

PREFÁCIO

de se prolongarem no mundo da memória, quer dizer, de ultrapassarem os domínios do fait-divers, criando associações indestrutíveis. Eu não sei, dentre os homens da geração do Sr. Dr. Manuel da Silva Gaio, quem, como êle, tenha as pupilas mais abertas e os ouvidos mais atentos para tôdas as vibrações do espirito e mais juvenilmente tenha reagido contra o reumatismo intelectual e contra as carapaças do hábito.

Na sua obra há sem dúvida literatura; mas emergindo do revestimento verbal, belo em si por vezes, há a vibração duma inteligência que, compreendendo e sentindo, generaliza também.

Poesia e filosofia coexistem na sua arte, e quere-se melhor prova que os poemas D. João e o Santo, onde a beleza da concepção e plano universal em que se colocam transcendem os estados emocionais, já de si complexos?

PREFÁCIO

A sua arte foi mesmo em certo momento um processo de sementeira de um ideal, como na Chave Dourada, o poema do néo-lusismo.

Desde 1890 até hoje, exprimiu sempre com alacridade, nesta pacífica e às vezes morna Coimbra, tôdas as vibrações da inteligência e do sentimento da beleza, tão extensamente que a literatura dos seus livros nos faz compreender as oscilações e inquietudes da cultura nacional nos últimos 30 anos.

O Dr. Manuel da Silva Gaio vai-nos falar dos Vencidos da vida, isto é dos homens que no século passado, depois da jornada romântica, mais honraram a inteligência e o primado das ideas sôbre o sentimento.

Do primado da inteligência, disse, porque realizaram na arte, na crítica e na vida, esta façanha heróica do dominio da consciência clara, isto é, a razão, sôbre o evanescente e o caprichoso episódico.

Eu sei que os Vencidos estão hoje em eclí-

PREFÁCIO

pse no céu da nossa cultura: Oliveira Martins esquecido, Guerra Junqueiro maltratado, o Conde de Ficalho, objecto de citações, e o Conde de Sabugosa, encadernado em edições de bibliófilo. Só Antero e Eça de Queiroz são vivos e actuais; mas não há sintomas patológicos na admiração que alguns lhes votam?

Sei tudo isto, sei mesmo que viveram no século XIX, e que nós vivemos no século XX e que os ideais de hoje, talvez com brutal revolta, se apresentam não como Vencidos, mas como Vencedores. Afirmaram, no entanto, uma posição moral e intelectual de amor pelas ideas, de respeito pelos homens, compreendendo — porque não dizê-lo? — com indulgência o homo credulus e não sacrificando com dogmatismo ao homo sapiens.

É destes homens e da sua attitude em face da vida que o Dr. Manuel da Silva Gaio nos vai falar. Eu permito-me dizer-lhe, sr. Dr. Manuel Gaio, que considero esta confe-

PREFÁCIO

rência uma gentileza para esta Associação. Um homem da sua estirpe não tem porém o direito de ser gentil só para alguns, porque as suas ideas e os seus juízos devem ultrapassar o âmbito dos seus ouvintes de hoje.

Foi para lhe conceder a palavra que me convidaram a ocupar este lugar.

Não o farei: não tenho coragem.

Quero apenas limitar-me a lembrar, a quem o vai ouvir, o dever de o escutar com a mais atenta das atitudes. Ouçamos, pois, minhas senhoras e meus senhores.

Joaquim de Carvalho.

O texto a seguir corresponde, sensivelmente, ao duma conferência que li na séde da « Associação dos Estudantes da Faculdade de Letras » da Universidade de Coimbra, em 28 de Abril de 1928.

Presidiu o professor catedrático da mesma Faculdade dr. Joaquim de Carvalho — ocupando, a seu convite, os lugares de secretários da mesa presidencial o Licenciado Sílvio de Lima e o aluno Ruy Galvão de Carvalho.

M. S. G.





UM GRUPO DOS VENCIDOS DA VIDA

Venho lêr uma série de notas sôbre os *Vencidos da Vida*, já por mim publicadas há muito na *Ilustração Portuguesa* — a convite de Carlos Malheiro Dias — mas que remodelei e ampliei recentemente.

Deve o grupo dos *Vencidos* interessar-nos sempre: pelo que representou, todo êle, no meio social, na vida mundana, na história literária do nosso país e, dum modo especial, porque entre as suas figuras se contaram três das mais significativas personalidades da grande geração de 1870: Eça de Queiroz, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão.

Ao vir, pois, falar dos *Vencidos da Vida*, para de todos me ocupar, terei — visto haverem figurado no *Vencidismo* essas três individualidades — favorável ensejo de me referir, logo de comêço, embora em breves palavras, àquela grande geração; movido, não tanto pela admirativa estima que lhe votei, como, sobretudo, pela obrigação moral de, na medida das minhas fôrças, lhe fazer imparcial justiça.

Vem sendo de há tempo incriminada a geração de 1870 — como responsável de muitos dos nossos males — por alguns intérpretes das modernas camadas portugêsas, animados certamente do louvável intuito de melhor nos orientarem, de nos salvarem — e que, nêsse intuito, dia a dia depõem, cheios de crescente ardor doutrinário, contra os homens de tal geração literária, tentando provar serem semelhantes homens condenáveis, no tribunal da história pátria,

OS VENCIDOS DA VIDA

pelo menos em relação aos seguintes pontos de considerável gravidade:

- a) fôram uns *estrangeirados*;
- b) fôram *demolidores*, produzindo obra de efeitos dissolventes;
- c) destruíram, enfim, mais do que construiram.

Ora apuremos, em obediência ao meu alegado intento de lhes fazer justiça, se estas acusações serão fundamentadas e portanto incontestáveis.

¿Porque lhes dão ou entendem que lhes cabe a designação de *estrangeirados*, carregada de intenção pejorativa?

Porque nos trouxeram ou nos importaram de fora novas ideias, emoções novas, novos motivos e estímulos de acção, despertando do seu doentio estado de alma o retardatário Portugal ultra-romântico e solicitando-o com energia a pensar, a sentir, a querer — como país vivo entre países vivos.

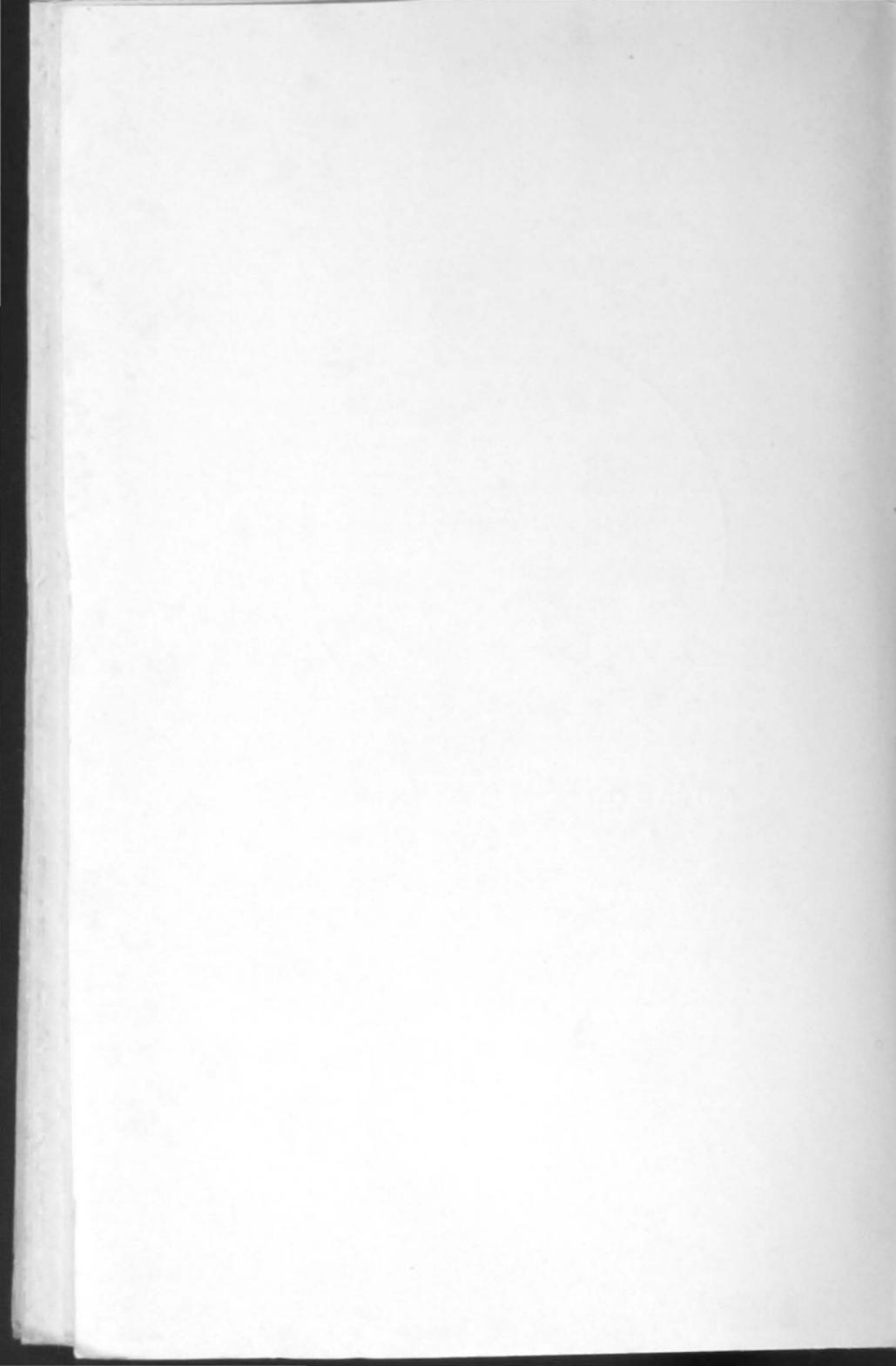
Porque ousaram abrir, na escurecida e bafienta morada da *gente lusa*, rasgadas janelas e portas amplas por onde todos pudéssemos olhar o Mundo e comunicar com êle, por onde recebêssemos mais clara luz de pensamento, mais larga inspiração emocional, mais intenso calor de virtude activa, a beneficio dum renascimento admissível.

Porque concorreram poderosamente para se nos fortalecer a noção e se nos re-
cordar o sentimento do verdadeiro *Nacio-
nalismo* — sentimento e noção mercê dos
quais melhor conheceremos e amaremos
as qualidades e características próprias
referindo-as a uma extensa escala de com-
paração, apreciando-as no vasto quadro
das características e qualidades alheias,
pondo-as a serviço numa compartilhada e
interdependente actividade universal; de
harmonia, aliás, com tendências provadas



ANTÓNIO CANDIDO RIBEIRO DA COSTA

n. 29 Março 1850 — † 24 Out. 1922



e nativas aptidões dum povo tão capaz de assimilar como de adaptar-se.

Vem a propósito lembrar que também têm sido incriminados por pecado de *estrangeirismo* os espíritos cultos a quem se deveu o nosso ressurgimento da segunda metade do século xviii. (Talvez ainda dedique umas páginas aos mais notáveis *estrangeirados* de Portugal, a começar... pelo Fundador da nacionalidade).

¿Porque classificam e acoimam de *dissolvente* a sua Obra?

Porque êles apontaram e nos fizeram reconhecer grande número das causas, mais ou menos próximas, da nossa decadência.

Porque atacaram muito do que entre nós subsistia ou se implantara de inconveniente e embaraçoso para o nosso progresso.

Porque — inspirados precisamente dum superior ideal patriótico de salvadôra renovação — visaram e combateram, a bem dêsse ideal, os vícios e ridículos da sociedade portugueza e se valeram, no bom combate, dos dardos agudos da Ironia; porque em tudo tiveram espírito — o que era sem dúvida para irritar uma colectividade de melancólicos.

Aventarei, de passagem, que no presente capítulo sòmente os considero censuráveis pela circunstância de têrem sido menos austeros em determinadas direcções.

Poupavam várias plantas e raízes nocivas, que às gerações moças cumprirá estirpar — ao lado doutras novas espécies daninhas, ulteriormente brotadas e florescentes na nossa boa terra.

¿Porque os accusam, emfim, de haverem destruído mais do que construíram?

Porque entenderam êles ser indispensá-

vel, antes que se edificasse, desobstruir o terreno onde se ía edificar.

Porque sentiram êles que a sua Obra, de plano novo, mal podia inspirar-se do existente no tocante a essenciaes elementos; e por isso teve e terá essa Obra aos olhos de quem não soube e não saiba interpretá-la, compreendendo-lhe todo o significado — a-pesar-de quanto contenha e revele de nacional — a aparência de qualquer coisa de estranho, de exótico; pelo simples facto, afinal, de se distinguir do que se tinha visto até ali.

Mas então — ocorrerá observar — em vez de os condenarmos como *estrangeirados*, no mau sentido do termo, como *dissolventes* e *demolidores*, como *falhos* de actividade *construtiva* — antes será efectivamente de justiça que lhes consagremos a obra com reconhecimento.

E a observação colhe.

Na verdade, descontado e regeitado o que haja a descontar e a regeitar nessa Obra complexa (em parte por alguns dos próprios severamente julgada), e com as restricções impostas pela crítica desinteressada — ainda de tôda ela resta o suficiente para, na ordem dos valores mentais, nos dar de novo o direito de nos considerarmos e de nos dizermos *europeus*.

Construïram tanto ou tão pouco, os homens de 70, que lhes devemos, na realidade, debaixo de diversos pontos de vista, os nossos melhores títulos de autonomia; pois só de facto vivem e merecem viver como autónomas as nações que, em qualquer momento da sua história, possam e queiram integrar-se no quadro internacional da civilização do tempo.

Não se concebe que outros mais altos serviços nos pudessem ter prestado, que por outra mais elevada contribuição ideal

tivessem merecido impôr-se à nossa admiração e à nossa gratidão.

A geração de 1870, pelo que suscitou e pelo que realizou — na obra colectiva e na obra de cada um dos seus representantes — foi, em Portugal, e nunca para Portugal há-de deixar de ser a *Grande Geração*.

No ano distante em que escrevi o meu primitivo artigo sôbre os *Vencidos da Vida*, no ano de 1906, tinham já desaparecido quatro dos do grupo:

Oliveira Martins, em 1894;

Carlos Lôbo de Ávila, em 1895;

Eça de Queiroz, em 1900;

O Conde de Ficalho, em 1903.

Estavam porém vivos sete:

Ramalho Ortigão — o apumado Ramalho, de alma duradoiramente nova, tão

clara, tão batida de sol como as páginas que êle escreveu;

António Cândido — preguiçosamente embalado nos écos esmorecentes da sua antiga palavra, opulenta e ostentosa;

Guerra Junqueiro — o mesmo nervoso bêsteiro da sátira, não obstante as advindas preocupações espirituais;

Carlos Mayer — aquele Mayer dos alegres dias passados, o Mayer a cujos afiados ditos parecia dar mais penetrante intenção a expressiva fealdade da máscara sarcástica;

O Marquês de Soveral — o eterno *charmeur* Luís de Soveral, português de lei sob a elegância impecável do mundano cosmopolita;

O Conde de Sabugosa — tipo do fidalgo perfeito, nobre modelo de tolerância: política, social, religiosa;

O Conde de Arnôso — o esbelto Ber-



CARLOS LOBO DE ÁVILA

n. 1. Março 1850 — † 9 Set. 1895



nardo de Pindela, encarnação gentilíssima da honra e da lealdade.

Hoje encontro-me em frente do campo santo onde todos êles dormem — com êles vivendo na minha memória saudável.

*

Observava eu em 1906:

Aquêles que um dia quizesse escrever a história animada da Lisboa de há 15 ou 20 anos, não poderia deixar de dedicar um dos seus capítulos aos *Vencidos da Vida*.

Capítulo de aspecto duplo, êste: porque, por um lado, deveria tentar dizer o que *fôram* os *Vencidos*; e, por outro, diria o que o público tão diversamente julgou que êles *fôssem*.

Teríamos, assim, a história completa do grupo: feita de *dentro* e feita de *fôra*.

Antecipando-me a êsse historiador, de desejar, tratarei hoje do *Vencidismo* es-

pecialmente sob o segundo aspecto — pela razão simples de que acho o primeiro, para mim pelo menos, de muito dificultosa apreciação, à falta de dados bastantes.

Tentarei, pois, dizer o que os *Vencidos* fôram aos olhos do público — hostile ou simpatizante — e esboçar a dois traços rápidos o perfil de cada um dêles.

O que foi, o que é talvez ainda o *Vencidismo*? — Preguntava eu então.

Um dos do grupo, Bernardo de Pindela, respondeu-me: «Coisa nenhuma, afinal».

Veiu dizer-me outro, o Conde de Sabugosa: «o *Vencidismo* é difficil de classificar. Foi um estado de espirito originado de afinidades já existentes e das que uma convivência, delas nascida, mais avolumou e multiplicou: estado feito de interêsses intellectuais, de curiosidades artisticas, de

cordeal sinceridade, de inteira independência de ideias e de convicções, de completa tolerância perante as crenças ou descrenças dos outros, de alegria no jôgo e troca de teorias tantas vezes paradoxais, de tristeza ante o espectáculo de muita ruína social, de estima por algumas individualidades do tempo, de desdem por muitas...».

No fundo, as duas respostas podem conciliar-se, aceitando nós que o *Vencidismo não foi cousa alguma* no sentido de corresponder a um intuito de agremiação especial, com programa feito de ante-mão e com plano determinado.

Os *Vencidos* não constituíam nem *club*, nem *academia*, nem um *cenáculo*, nem um *partido*, nem uma *ordem*.

Não se submetiam a preceitos, não acatavam opiniões feitas, não defendiam princípios adoptados.

Como tudo o que existe naturalmente acharam-se reunidos por um fenómeno de mútua atracção, de espontânea agregação de esperítos, dadas entre homens para quem a circunstância de se encontrarem na sociedade, podendo comprehender-se, foi o único motivo de se reunirem de novo; vindo a nascer de cada palestra *inter pócula* o projecto da próxima excursão, do próximo jantar, da próxima ceia.

*

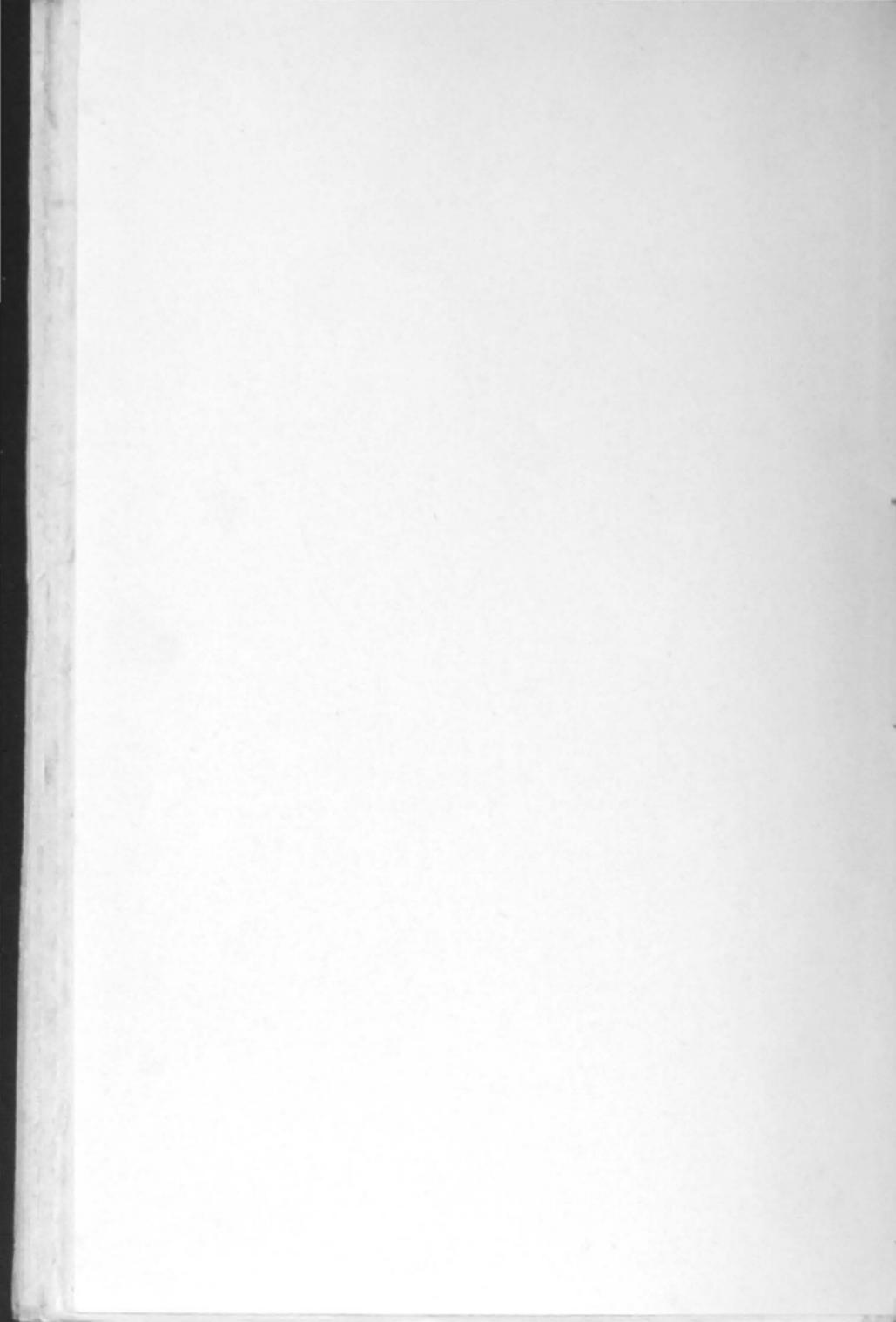
Seria arriscado estabelecer aqui datas rigorosas. Apenas sei que, à entrada de Março de 1888, estava de fresco o título *Vencidos da Vida*. Havia pouco que Oliveira Martins — o padrinho — assim bati-sara humoristicamente, durante um jantar, êste grupo privilegiado e ilustre, cujo melhor período decorreu dêsde aquêlê ano até 1891.



CONDE DE FICALHO

(Francisco Manuel de Melo)

n. 27 Julho 1837 — † 19 Abril 1903



Não tinham ponto de reunião forçado. Ora jantavam num hotel, ora num *restaurant*, ora, quando a primavera «começava a *papoulear* os campos dos arredores de Lisboa», debaixo dos parreirais das *hortas* suburbanas. E por tôda a parte e sempre o que se discutia era tudo o que sugeriam no momento a fantasia de cada um, as ocorrências sociais da ocasião, as actualidades mundanas, políticas, literárias... «E como não havia partido político, escola literária ou *coterie* a que cada um obedecêsse incondicionalmente, a discussão nunca era exaltada, nunca as opiniões, envenenavam a cordealidade da convivência».

Como deveriam ser scintilantes de espírito e cheias de imprevistos, aquelas discussões dos *Vencidos*! E as histórias contadas? E as impressões das viagens, das leituras, da vida de sociedade?

Nessa galeria de onze homens, tão diferentemente dotados, havia quem alimentasse à farta todos os veios da mais interessante e renovada conversação.

Grande pena faz que algum de entre os *Vencidos* não tivesse tomado correntes notas de quanto melhor disseram e discutiram.

Dos ditos felizes, às esfuziadas, apenas um ou outro lembrará hoje.

Passaram como a espuma irisada e leve do Champagne que os acompanhava.

Das anedotas e casos com êles ocorridos poucos também sobrenadam na memória dos do tempo.

Entre outros, um, a que Eça de Queiroz aludiu já e que repito aqui só porque revela essa disposição de natural cordealidade e essa facilidade de adaptação ao inesperado, tão próprias dos novos e portanto dêsse grupo, irradiante de mocidade a despeito da idade de alguns.

Certa noite, entrando na sala do *restaurant* onde haviam de cear, souberam os *Vencidos* que no quarto ao lado estava uma mulher, só, esperando alguém... que não chegava.

Mandaram-na convidar a vir cear com êles.

Aceitou.

Era a célebre Maria Juliana — a mais petulante e engraçada aventureira da época.

A sério, ia um dos convivas (naturalmente Oliveira Martins) explicar o *terrível* déficit do país, quando ela exclamou:

— Bem o conheço — é o do Banco Inglês.

Aludia a um Duff, então director daquêlê Banco.

E ali armou ela com Guerra Junqueiro um dos seus mais vivos e renhidos assaltos de frase.

Já no fim, quando o poeta, derivando de assunto, calculava a despêsa provável duma esboçada viagem — observou-lhe, impertinente:

— Isso é a minha conta, só no sapateiro.

Ao que êle, sem hesitar, replicou logo:

— Deixa cá ver quantos pés tens.

Quási sempre afinavam pelo diapasão de bom humor e até a liquidarem contas os *Vencidos* manifestavam o seu feitio *rapaz*, anti-solene. Terminada uma ceia no Tavares, deviam: de bacalhau e pão — 18 vintens; de Champagne — 18 mil reis.

Entretanto — por isso mesmo que apenas aspiravam a essa inofensiva, simples convivência e se matinhavam indiferentes a muito do que em volta se passava — começaram os *Vencidos* a despertar curiosidades, a intrigar o público.

«O que queriam êles»?

«Qual seria o seu fim»?

«O que andariam tramando»?

Então, à fôrça de se ouvirem *proclamar* e visto todo o mundo querer que eles fôsem *alguma coisa* e andar tão inquieta a própria Imprensa, os *Vencidos* sempre publicaram o seu programa.

Foi Eça de Queiroz quem, rodeado de todos os companheiros, lançou êsse programa, num artigo de fundo do *Tempo*, fuzilante de graça.

Não bastava.

Além de programa, tiveram *hino*, afinal, com a música da Rosa Tirana e versos do Conde de Sabugosa — *hino* cantado, pela primeira vez, ao piano, em casa de Carlos Lôbo de Ávila, na *soirée* que os pais, os Condes de Valbom, deram para festejar o aniversário do filho, a 17 de Maio de 1889.

Estavam *consagrados* e desta altura por diante mais desperta e atenta os espiou a Opinião.

Segundo a imaginação de cada indivíduo ou de cada agrupamento, imputavam-se-lhes, com freqüência, os mais extraordinários propósitos.

Alguns viam nêles uma associação com fins políticos — um risco para os governos e para os partidos; havendo até quem malignamente escrevêsse e pronunciasse a palavra *camarilha*, em alusão a três figuras do grupo.

Compreende-se portanto o espanto — origem de indignado terror ou de súbito respeito pelos *Vencidos* — com que, uma dada noite, se recebeu a notícia de que haviam tido por conviva, poucas horas antes, o conselheiro António de Serpa.

A ocorrência, natural, desta aproximação entre um homem de Estado que tivera educação literária — coisa com efeito rara entre nós — e êsse grupo superiormente lido e culto, assumira proporções de es-



JOAQUIM PEDRO DE OLIVEIRA MARTINS

n. 30 Abril 1845 — † 24 Agosto 1894



cândalo, para uns; revestia para outros ponderável significação, a tomar em conta.

«Não deveria ter ido envolver-se, êle, um político, com gente que o não era» — opinavam aquêles, sentenciosos.

«Êle que lá foi, é porque os *Vencidos* por certo vão intervir nos negócios públicos» — notavam êstes, já risonhamente aquiescentes.

Suscitara igualmente reparo o facto de terem convidado para um outro jantar, servido no Braganza, o Conde do Casal Ribeiro, pôsto que os vultos do mundo diplomático não preocupassem tanto, como os do mundo político, o indigena susceptível e desconfiado.

Muitos apontavam os *Vencidos* como derrocadores, pela ironia e pela crítica, dos sólidos baluartes da Ordem.

Nem faltou quem os julgasse perigosos

como scépticos, como homens de pensamento livre.

Ameaçavam os bons princípios.

Havia pessoas a cujos olhos não passavam duns ambiciosos — a-pesar-de já todos terem *chegado*.

«O que são, são uns mistificadores e uns preciosos» — concluíam criaturas ácidas.

Não transpirara até — dos jornais lidos de Lisboa, *Novidades* e *Tempo* — que os *Vencidos* procuravam um *retiro*, um *mosteiro*, no velho convento da Arrábida ou no Palácio do Calhariz, próximo dêsse convento, onde fôsem recolher-se temporariamente, como antigos *monges*?

E uma ideia de Oliveira Martins, que realmente se lembrara de escolher um sítio onde, no verão, se refugiassem e refizessem das fadigas e preocupações de cada ano — ideia aliás bem difícil de pôr em prática —

viera ainda dar motivo a novos murmúrios e comentários.

Era sobretudo no mundo dos políticos e outros videiros que os *Vencidos* provocavam animadversões e protestos; mas, entre a juventude literária, não deixavam de erguer-se nervosamente — à vista ou à lembrança daqueles *felizes* — punhos magros de excelentes rapazes.

Só se consolavam — êstes últimos — com o retraído isolamento das três ou quatro figuras, que faltavam ao grupo, para reunir então, em absoluto, a *élite* mental portuguesa.

Grande foi por isso a surprêsa, e dolorosa, ao receberem a nova de que Antero de Quental — prestes a partir direito à sua ilha, donde não voltaria — estivera num *ágape* dos *Vencidos*... ali no *Tavares*.

Para mais --- tinha-lhes constado que D. Maria Amália Vaz de Carvalho jantara

com *êles*, havia dias, em casa dos Condes de Ficalho.

De modo incomparável irritavam, no entanto, a Lisbôa que os supunha um grémio de *dandies*, de epicuristas requintados e cheios de altivo desprêzo pela outra gente — com a agravante de adoptarem, sendo uns *vencedores*, uma designação humilhante para os autênticos *vencidos*.

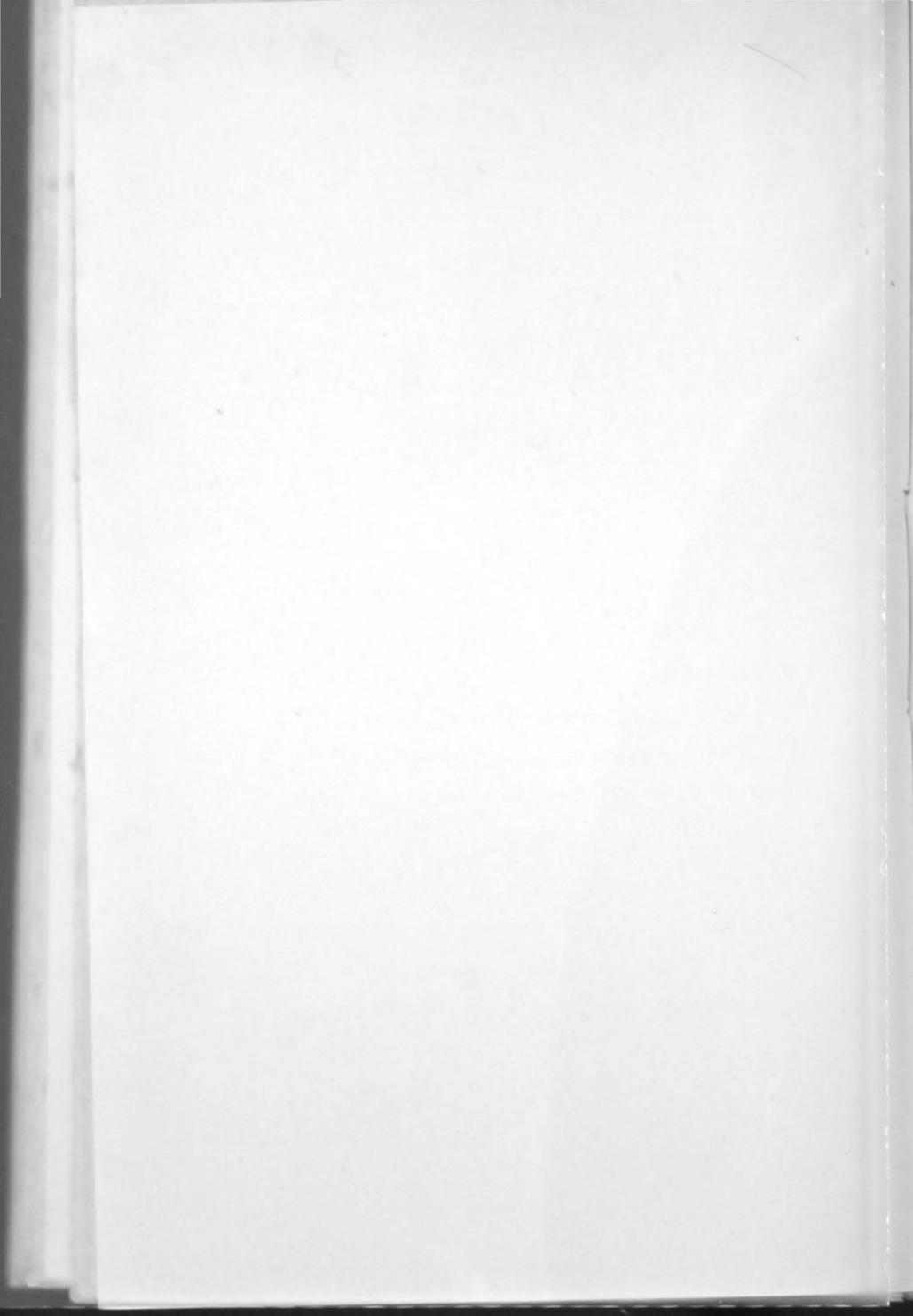
Nessa Lisboa — recordo-me — é que a má vontade atingia as proporções duma decidida hostilidade.

Tudo o mais lhes perdoariam, emfim; porém, a bela *presença física* de alguns dos *Vencidos*, a esmerada *tenue* dêsses e doutros do grupo, as excepcionais condições de todos enchiam de despeito quantos escaldadamente sonhavam com impossíveis aventuras mundanas, quantos fantasiavam estonteantes romances de paixão, quantos desejariam ser como os primeiros



CONDE DE SABUGOSA

(António Maria Vasco de Melo da Silva Cesar de Meneses)
n. 13 Nov. 1854 — † 21 Maio 1923



— para lograrem certos frutos da vida, proibidos... a quem os não sabe colher.

Causaram pesadêlos a muito megalómano em falso e a muito amorôso... virtual...

Conforme se devia esperar, os mais alvejados — nêste melindrôso capítulo — eram aquêles a quem attribuíam maior número de *bonnes-fortunes*, dadas por certas ou de probabilidade...

Conselheiros lascivos e estudantes púberes sentiam-se invadidos dum mesmo vago, mas amargo ciume, ao vêrem passar Bernardo de Pindela e Luís de Soveral, ao notarem o primorôso garbo dos dois...

Não havia, no entanto, apenas olhos e ouvidos hostis entre a gente que rodeava os *Vencidos*, em todo o público que escutava curiosamente quanto dêles se contava.

Reconhecia-se que — sem de resto o pretenderem — tinham vindo desempenhar

uma benéfica e oportuna missão, na turva Lisboa contemporânea.

Com justiça lho reconheciam.

Numa cidade que já não abria *salões* — e quando esta *falta* acabava de ser o assunto de brilhantes artigos de D. Maria Amália Vaz de Carvalho e de Carlos Lobo de Ávila — os *Vencidos* reanimaram, directa e indirectamente, a amortecida sociedade lisboeta, pelo que disseram e inventaram, pelo que dêles se inventou e disse.

Num momento em que a capital, sob o domínio do *plutocratismo*, se tornara campo descoberto do *jouisseurs* brutais, de *parvenus* insolentes — os *Vencidos* significaram o respeito do valor pessoal, o amor das nossas boas tradições, a superioridade da inteligência, a distinção aristocrática.

Num meio estreito de ideias, intolerante e preconceituoso, enredado em miudos prejuízos — os *Vencidos* encarnavam a lar-

gueza de vistas, a tolerância generosa, a independência crítica, à luz da razão clarividente.

Em oposição aos egoísmos ferozes, às ambições violentas, às vaidades impacientes que os cercavam — os *Vencidos*, no seu maior número, souberam ser dedicados, desambiciosos, discretos e os mais simples dos amigos ou dos conhecidos para todos os que dêles se aproximavam, a título de antiga intimidade ou de recentes relações.

E tão alto puséram, entre si, o culto da amizade, que ainda — quando a morte já nêles dizimara e a vida trazia separados os restantes — não sabiam ao certo dizer se o *Vencidismo* tinha acabado.

*

Tivessem os *Vencidos da Vida* querido formar uma Academia livre — e não have-

ria faltado quem lhe preenchesse variadas secções.

Não estaria ali representada a *Eloquência*?

Sob três aspectos — só no puro domínio oral; a começar por

ANTÓNIO CANDIDO

Era, a sua eloquência arredondada e ampla de construção — tôda de *período* — de natureza a que o artista, ao falar, justificadamente fôsse a escutar-se, levado na mesma voluptuosa onda verbal em que nos levava.

CARLOS LOBO DE ÁVILA

Diversa era a palavra dêste: ágil, fácil, espontânea, floreteada como arma de amável esgrima literária, e de igual modo adestrada para o combate parlamentar; *eloquência* mais de *frase* do que de período.

OS VENCIDOS DA VIDA

CONDE DE FICALHO

Visava ao *termo*, ao vocábulo-resumo, caracterizava-se como precisa, sublinhada de sentido, com o Conde de Ficalho — o Presidente dos *Vencidos*: feição que nos *Contos* se lhe traduz pela exactidão frisante dos descritivos e pela sobriedade da acção; que distingue os seus trabalhos históricos, de acentuado carácter objectivo e onde o *professor* quer fazer ver e faz ver cada detalhe, intencionalmente indicado.

OLIVEIRA MARTINS

E já notarei outra índole e outro aspecto da história escrita — os da obra de Oliveira Martins (não vindo para aqui o Economista).

Nesta obra, pelo contrário, sem demora o autor se nos descobre; encontrámo-lo a cada momento.

Aqui, a personalidade do escritor tudo invade.

Reside nisto, todavia, o segredo da influência que sobre nós exerce, da vitória que sobre nós alcança.

É porque transpôs em linhas e côres de prodominante visão subjectiva, em valores de imagens e ideias *suas* tudo quanto tinha a descrever, a narrar, a apreciar;

— é porque tudo animou da própria vida, especialmente as personagens evocadas, e as transfigurou em interpretativas representações, segundo a particular refrangência do seu espírito;

— é porque, *vivendo* nessas figuras, as *reviveu* em si, mais vivas as sentiu portanto e logrou, assim, dar-lhes uma nova existência:

— é, finalmente, porque elas nos parecem vir ainda quentes da abrazada forja da sua imaginativa criadora — que o historiador



MARQUÊS DE SOVERAL

(Luis Maria Pinto de Soveral)

n. 28 Maio 1850 — † 5 Out. 1922



Oliveira Martins (cujo conceito e teoria da história de pronto se compreendem e explicam à luz das características apontadas, cuja obra vale sobretudo onde ressuscite almas e vultos) nos prende, nos domina, nos empolga, quer descreva, quer narre, quer julgue.

Move-nos ao sabor do que sentiu e pensou, do modo por que pensou e sentiu — detendo-nos, agora, nos remanços, arrastando-nos, daí a pouco, na corrente impetuosa da sua prosa irresistível e, mau grado nosso, arrebatando-nos com êle — seduzidos e ofuscados pelas suas iluminadas intuições do Passado.

Até que — ao retomarmos pé, ao voltarmos de todo à posse de nós próprios — a nós próprios perguntaremos se as sugestivas páginas lidas não teriam sido escritas numa alucinação...

¿Alucinação verdadeira, no fundo?

De tal natureza que êle — ao transfigurar — não desfigurasse?

Não sei.

Direi sòmente que nêste Escritor — tão notável pela imaginação poderosa, pela constante alta-pressão da vontade, pelas resistentes faculdades de trabalho, pelo musculôso vigor e elástico nervo de estilo — admirei e admiro, acima de tudo, o grande *dramaturgo histórico* dos nossos dias.

CONDE DE SABUGOSA

Atraentes, de abertas e inteligíveis, desdobram-se e desenvolvem-se correntemente, ganhando-nos passo a passo, as descrições do Conde de Sabugosa.

Bastaria o magistral trabalho sôbre o *Paço de Cintra* — regalo de artistas, de historiadores e de arqueólogos — para o categorizar como investigador preparado e consciencioso; ao mesmo tempo que, no

equilíbrio e na medida, no traço apropriado e na tonalidade justa dos seus trabalhos literários se revela o *parnasiano* desperto e atento, permanentemente dominado por uma proficua exigência de correcção e de clareza.

MARQUÊS DE SOVERAL

Entendem certos eruditos caturras que só uma formidável bagagem de estopadas lidas ou redigidas pode garantir alguém como pessoa instruída e cultivada. Para estes fanáticos da sabedoria livresca, a lição da vida, o estudo e a observação dos homens, a educação das viagens, a prática mundana — obrigada ao exercício rápido da análise moral e ao emprêgo contínuo da atenção vigilante — são tudo coisas insubstanciais, inconsistentes, a que falta lastro.

Oh! Les cuistres!

E, no entanto, a realidade vem dia a dia

mostrando que mais vale, muitas vezes, uma palavra dita do que dois tratados escritos.

O Marquês de Soveral representava o mais flagrante desmentido daquele falso conceito. Não é porém de espantar que a sua inteligência lesta intrigasse sempre os maçadores lentos, como não é de espantar que o primor do seu trato confundisse para aí tanto *rustre* e que a sua *verve* por aí contrariasse tantos sensaborões.

Para cúmulo, veio, pela sua parte, desconcertar a opinião geral de que o *diplo-mata*, para se introduzir e vencer, deve fazer uso duma gazua de astúcia. Porque não era dêste instrumento que o Marquês de Soveral se servia; porque era o seu prestígio pessoal que, como franca e veleira chave, lhe abria tôdas as portas.



CARLOS DE LIMA MAYER

n. 11 Fev. 1846 — † 28 Fev. 1910



OS VENCIDOS DA VIDA

CARLOS MAYER

Entre aquêles que, em Portugal, podiam e sabiam interessar-se pelas produções da lídima literatura, Carlos Mayer era ainda uma singular excepção. Não haveria talvez entre nós um ledor mais a par de tudo, cuja cultura literária fôsse apurada como a dêle, cuja memória fácil e segura estivesse tão ricamente provida. O seu instinto artistico era rigorosamente certo, o seu gôsto severo e subtil como o dum consumado *provador*. Sabe-se que possuía de côr, além do mais, o melhor da grande literatura clássica da França; diz-se até que fôra êle quem tinha revelado *Racine* a Eça de Queirós. Beneficiava da mais lúcida inteligência prática, da mais clara compreensão dos assuntos comerciais e economicos. Nascêra com a prerogativa duma forma especial, tôda sua, de espirito crí-

tico; e jámais se lhe esgotavam os recursos da graça imprevista e da inventiva paradoxal.

CONDE DE ARNÔSO

No século xvi, teria o Conde de Arnôso florescido entre os cavaleiros poetas da Côrte portugûesa; e não teria sido em vão que nos serões do *Venturôso* murmurasse a ouvidos femininos algum *vilancete* ou *sentença* amorosa. Mas não se ficaria na colheita dessa galante sementeira. Encontrá-lo-hiam onde fôsse necessário rasgar, à ponta da espada, o gibão dum impertinente, desfazer qualquer intriga a rijos golpes de verdade, segredar ao seu Rei um destemido conselho, e escudar, com o seu, o peito de alguém pôsto em perigo. E certo dia, na ânsia de ver Mundo, êle ai partiria numa nau da Índia, demandando o Levante tentador — para voltar sòmente

rico de visões luminosas e, quando muito, de escolhidas curiosidades de arte. Depois, ao regressar, enganaria o tempo espalhando o bem.

Não correm hoje as coisas de feição propícia ao ideal cavaleiroso, a tão rasgados lances e prontas arremetidas de bravura; vingava-se, porém, dêste senão histórico adaptando às condições actuais o que, da grande Era, seria a molde da sua alma de paladino.

A dedicação, com que haveria corrido a defender quem o invocasse, não se desmentiu nos nossos dias.

Tomou novas formas; e o bem que então espalharia ainda o espalhou, sem revestir burel de santo, e com tal jeito e graça como se fôsse êle quem tivésse de ficar agradecido.

Num só ponto satisfez as ancestrais aspirações: com a viagem ao Oriente, que

relatou no livro *Jornadas pelo Mundo*, abundante de curiosas notas.

Mais um *visual* do que um *auditivo*, a cada passo nêste livro nos manifesta a sua predilecção do *pitoresco*, a sua avidez de *exotismo*.

Por êsse predomínio da *visualidade* explicâmos como era perante obras plásticas e construções ou decorações de estilo que o seu apurado gôsto melhor se exercia e melhor se afirmava; e nunca dêle ajuizaria completa, devidamente, quem o não visse e o não escutasse num ambiente de arte.

GUERRA JUNQUEIRO

Guerra Junqueiro marcava no *Vencidismo* pelas suas qualidades de *eloqüente* multiforme, que nos autorizam a aproximá-lo dos oradores.

Conversava? — Comprazendo-se no jôgo das antíteses e oposições, dispondo destra-

mente da palavra, a serviço dêsse jôgo e ao sabôr de todos os caprichos e saltos da fantasia, exprimindo-se por imagens fulgurantes — era dos que, na conversação, obtinham mais freqüentes e incontestados triunfos.

Discussia? — Utilizando da pronta e desembaraçada tática dos combativos, surpreendia o adversário a cada volta da discussão e, temível *dialéctico*, com tão cerrada lógica discorria e argumentava, deduzia com tão encandeado e seqüente raciocínio que, — desprevenidamente aceito o ponto de partida, embora inaceitável, uma vez admitido o primeiro têrmo por êle pôsto, — não havia abrir-lhe a menor brecha no argumento sustentado; tanto mais que parecia reforçá-lo pela sua atitude de inabdicável confiança, pelo seu militante denodo, pelo tom imperativo da sua timbrada voz metálica.

Dizia versos? — Então, os que o escuta-
vam — preferissem-lhe ou não outros poe-
tas — involuntariamente o seguiriam nos
definidos movimentos musicais das suas
estrofes e no liberto rasgo oratório das
suas tiradas sonoras; involuntariamente
iriam acompanhando os ritmos e as cadên-
cias dos seus alexandrinos vibrantes —
como se acompanhassem a marcha vito-
riosa duma fanfarra marcial.

À parte o dom da *eloquência*, aprecia-
vam-lhe tanto ou mais o dom da *sátira*, e
são essas as duas cordas mestras dêste
Poeta — as que, com prejuízo doutras, o
assinalam e soberanizam.

A uma única modalidade da sua veia
satírica farei aqui referência: referir-me-hei
apenas ao *motejador* irreduzível.

Conversando ou discutindo, raro pou-
paria os que estavam, mal se oferecêsse
ocasião para remoques ou observações



CONDE DE ARNÔSO

(Bernardo Pinheiro Correia de Melo)
n. 27 Maio 1855 — † 21 Maio 1911



cáusticas; choviam como fagulhas de girândolas, sendo certo que as vítimas vinham a perdoar-lhe o mal das queimaduras pelo bem que lhes sabia ouvi-lo.

Sucederia por acaso que algum, mais susceptível, se mostrasse melindrado: que Oliveira Martins, por exemplo, ficasse enfiado e carrancudo; que Ramalho Ortigão perdêsse um pouco do seu galhardo aprumo.

Nuvem passageira...

Pois que não havia ressentimentos, o jantar ou a ceia continuaria desanuviadamente alegre.

Ignoro se Guerra Junqueiro, ao entrar na fase das *renúncias*, teria querido pôr de parte as experimentadas armas da *sátira*, por entender que já para nada lhe deviam servir nêste mundo.

Ignoro.

Nunca porém êle houvera logrado, creio,

despojar-se inteiramente do antigo Junqueiro — dêsse que, outrora, entre o vago tumulto dos homens, fôra, em tudo, um convicto e resignado *Vencido da Vida*.

É, na verdade, pela eloquência, pela *vis satírica* e pelo poder do ritmo que o autor da *Pátria* se nos recomenda.

Mal encontraremos na sua Obra, fóra do domínio destes três dons, poesia capaz de nos impressionar profundamente.

Nem vibra, alto, da *emoção das ideias* — como Antero de Quental — nem, como João de Deus, nos atinge o coração no manancial donde brota o verdadeiro *sentimento*.

E, ao compará-lo com o Poeta da *Vida*, deveremos dizer que, se João de Deus foi o *verbo do Lirismo*, Guerra Junqueiro foi apenas o *lirismo do Verbo*.

Não poderemos, contudo, negar-lhe as qualidades apontadas e, particularmente,

a irresistível fôrça da sua métrica acentuante, da sua rítmica imperiosa.

RAMALHO ORTIGÃO

Impôs-se-nos Ramalho Ortigão — através da sua longa carreira de honesto labôr literário — como uma das mais felizes organizações do nosso país.

Era de extensa escala a sua impressionabilidade — em face da Arte e em face da Natureza; em face da Arte, quando sobretudo se tratasse de obras plásticas, especializando as da Pintura.

Abriria regaladamente os olhos diante dum sumptuôso *Veronêso*; meditaria junto dum *retrato* de Rembrandt, para logo sorrir com simpatia vendo algum *interior* dum dos dois Teniers. Defronte duma *ripaille* de Jordaëns sentiria crescer a água na bôca — olhando depois, comovido, uma

devoção de Hans Memling ou de Van der Weyden.

Em face da Natureza, por igual se sentia tomado de emoção plácida ou de entusiasmo, ao espectáculo que ela lhe oferecêsse. E, na posse de tão robusta e maleável prosa, qual a sua: colorida e cantada, saborosa e fragrante, quasi palpavel à fôrça de impressiva — prosa que, a bem dizer, nos contenta todos os sentidos — conseguia transpor literariamente e fazer-nos vêr e sentir os aspectos naturais como nos fizera sentir e vêr composições e detalhes artísticos ou ainda quadros e scenas do mundo humano e social, por êle não menos nem com menor interêsse contemplado.

Apto, de preferênciã, a *vêr para fóra*, de *fóra* sobretudo viveu, em espírito e Arte; pois era das sensações e imagens provocadas pelas directas excitações do *mundo*

exterior — e não de puras, mediatas representações mentais do *existente objectivo* — que êle de facto mais vivia interiormente.

Assim se compreende que não se lhe deformassem nem se lhe desvalorizassem e que não reproduzisse, projectasse desfiguradas, emmurhecidas, aquelas imagens do *exterior*; que elas viéssem com a frescura, o viço e a côr da Vida.

Assim se compreende ainda que — de ordinário e com mais felicidade — a sua linguagem nos traduzisse, até, ideias e pensamentos por meio de vocábulos e locuções expressivas ou sugestivas do *sensível* material.

Pertencia ao número dos que, com predomínio do sentido *visual* e das faculdades de observação, essencialmente se distinguem pela *imaginação física*.

E esta, além de lhe compensar a falta doutras capacidades — de ordem concep-

tual, especulativa — favoreceu-o, como Artista, permitindo-lhe que não só nos desse impressões flagrantes do *visível* e das realidades presentes, mas que delicadamente nos esboçasse nuvens de sonho ou nos trouxesse aos olhos e à lembrança, com tintas gratas, o *desaparecido* e o *distante*.

Tendo-nos feito a descrição duma ruïnosa e agitada romaria ou dum cortejo magnífico — banhados de sol ardente — com igual deleite e semelhante poder pictural nos descreveria um claustro cheio de fresco silêncio, por onde vissemos atravessar delgada noviça, erguendo na mão pálida uma haste de açucena.

Arbitrário exemplo, que no entanto traduz verdade relativamente às possibilidades desse *Mestre prosador*.

Por outro lado, a sua universal curiosidade, a sua simpatia fácil, o espírito de livre exame e a faculdade de observar e compa-



ABÍLIO MANUEL GUERRA JUNQUEIRO

n. 17 Set. 1850 — † 7 Julho 1923



rar fizeram-no, em largo âmbito, Crítico de Arte e de costumes.

E o *Crítico* e o *Artista* mutuamente se fortalecêram, a completarem nêle — com o concurso de activas virtudes morais — uma das exemplares individualidades de *Escritor* e de *Homem* da nossa moderna Literatura; a tornarem-no, para todos nós, uma alta *lição viva*.

Como, sendo um *forte* e um *são*, era um *bom*, cedo começou a penalizá-lo a sorte de tanta gente — enfézada, mal vestida e triste — que encontrava e observava na sua cidade adoptiva.

Resolveu ser-lhe útil, educá-la, convertê-la a novos hábitos, com o intuito de lhe dar fôrça, hygiene e alegria, na medida do possível.

Empreendeu então a campanha das *Farpas* — que não foi de todo indiferente para a vida da Capital e do país.

Por mais duma vez — durante essa brava campanha sanitária — o criticariam pelo que chamavam o *seu fraco* do *Estrangeiro*.

Não conseguiram amortecer-lhe o calor e a fé com que prosseguia na sua generosa missão social.

Mas tarde viriam a convencer-se — e nem todos — de que da sua admiração, aliás condicional, pela *civilização estrangeira*, dependia em grande parte o resultado daquela missão.

Se, comparando-nos com os outros, nos apontava defeitos e inferioridades, era para que nos corrigíssemos.

Exaltando os de fóra, só pretendia estimular os de casa.

Não eram justos os que duvidassem do seu patriotismo; e os que tardaram em fazer-lhe justiça terão provado não haverem sabido vêr nem prevêr.

OS VENCIDOS DA VIDA

Inspirou a sua Obra, no que de melhor contém, um real amor às coisas e à gente da nossa Pátria.

E nunca êsse amor lhe desfaleceu.

Tenho a certeza de que, mesmo na dialecta Holanda, à vista das sisudas *túlipas* de Haarlem, lhe lembravam sempre — fazendo bater o seu coração de velho rapaz — os vermelhos, doidos, amorosos cravos de Portugal.

EÇA DE QUEIRÓS

Teve Teixeira Lopes uma feliz intuição de intérprete plástico ao modelar num só bloco — como se a par houvésem surgido da própria madre da Terra — o busto de Eça de Queirós e a figura de mulher em que representou a *nudez forte da Verdade* (não preguntando eu agora se essa concepção da Verdade seria de admitir em relação ao grande escritor).

Deu-nos o Estatuário ilustre o melhor comentário da vida e da Obra do nosso maior romancista.

Porque nunca Obra e Criador mais intimamente interdependêram.

Diríamos que da vida para a Obra e da Obra para a vida uma mesma seiva lhe circula; que a Obra é um prolongamento de quem a concebeu e realizou; que o seu Autor, de tanto lhe querer, dela viveu prolongando-a em si.

— Á maneira, poderiam observar-me, do que se passa com todo o verdadeiro criador, em qualquer arte e, assim, na Literatura, ou se trate dum prosador ou dum poeta.

Sim. Mas com Eça de Queirós verificâmos o que se tem verificado com aquêles outros cujo fecundo génio, além de os individualizar, pelo lado do seu mundo interior, os levou a projectarem-se em *sim-*



JOSÉ DUARTE RAMALHO ORTIGÃO

n. 24 Nov. 1836 — † 27 Set. 1915



bólicas imagens das suas impressões e ideias e a exteriorizarem — sob a espécie e forma de eternas personificações ou de descrições imarcescíveis — as suas transmutantes representações dos efémeros modelos e dos transitórios aspectos da realidade — da Humanidade e da Natureza — por êles fixadôramente observados e contemplados.

Verificâmos que, se a psique e o temperamento do nosso Romancista a cada instante se atraíçôam — atraíçoando-se até mesmo nas mais *realistas* das suas obras — em nada essa involuntária revelação pessoal o prejudicou, ao realizá-las.

Vivendo intensamente a vida interior, à semelhança doutros geniais criadores, nunca o seu subjectivismo lhe perturbou a visão do mundo objectivo.

Equilibravam-se-lhe.
Por muito que as *Figuras* dos seus ro-

mances denunciem o progenitor, todas nos impressionam e nos interessam como se lhes desconhecêssemos a origem e subsistissem independentes de quem as criara e para sempre as erguera.

Plenamente as dotou das vitais condições duma existência autónoma, transmitindo-lhes todo o vigor do seu sangue, toda a energia dos seus nervos, todo o calor do seu coração, todo o lume do seu cérebro; sem que todavia por intermédio delas nos viesse falar, ao modo romântico, sem que lhes interviésse na acção e nas situações, sem que se interpusésse — a desviar-nos delas a atenção.

Mas, tanto pelo que de *seu* deixou transparecer como pelo que das *suas* personagens se nos manifesta, mostrou ter na verdade possuído, num grau e numa extensão jámais excedidos, o milagrôso *segrêdo da Vida* — na *super-vida* da Arte.

Provam-no de sobejo alguns dos seus *Tipos*, que, de tão vivos, logo vinham destinados à *imortalidade*.

Prova-o ainda a sua prosa — pois, sendo bem dêle, nos dá também a impressão de que por si mesma corre: ligeira, fresca e luzente como os veios límpidos das nascentes naturais.

¿E não será a própria Ironia uma manifestação do profundo sentimento da Vida? Não serão os que na Vida melhor sabem rir os mais capazes de vivamente a sentir e compreender? . . .

Eça de Queirós soube rir.

Só de três coisas não riu:

Da Inteligência culta,

Da Beleza,

Da Bondade.

Respeitou a *primeira*;

Amou a *segunda*;

Adorou e praticou a *terceira*.

*

Talvez que nestas minhas páginas — além de haver tentado esboçar o perfil de cada um dos *Vencidos da Vida* — eu tenha de algum modo traduzido o meu persistente sentimento de grata estima por todo êsse grupo eleito: dela realmente digno como representativo exemplo do mais aberto e largo espírito de *independência mental*, de *livre crítica* e de *tolerância*.

Se logrei traduzi-lo, ousarei louvar-me de as ter escrito, não só pela satisfação moral que me valêram, mas ainda porque, a meu vêr, nunca em Portugal se tornou tão necessário e foi tão oportuno — como no momento presente — apontar exemplos de tal significação e de tal alcance.

*

Dado o interêsse despertado por tudo



JOSÉ MARIA EÇA DE QUEIROZ

n. 25 Nov. 1845 — † 17 Agosto 1900



quanto respeito aos *Vencidos da Vida* — certamente seria de bom grado escutada a leitura de alguns curiosos documentos que se lhes referem — entre a doutros, a da correspondência por mim trocada, àcêrca do grupo, com Carlos Malheiro Dias, o Conde de Sabugosa e o Conde de Arnôso.

Limitar-me-hei porém, para não me alongar de mais, a reproduzir — olhando ao seu especial valor — aquêle desenfasiado artigo em que Eça de Queirós, como sabemos, definiu o *Vencidismo* e lhe deixou traçado o programa.

Não poderia eu encontrar, para estas minhas notas, outro melhor e tão justificativo remate.

Pelo modo como foi escrito êsse artigo vê-se quanto o grande Romancista era espontâneo, embora um exigente escrúpulo artístico o levasse a retocar, com demo-

rado afínco, as sucessivas provas das suas obras literárias. Sofria da dolorosa insatisfação de todos os legítimos Escritores.

Tive conhecimento das condições em que Eça de Queirós o escreveu por carta do Conde de Arnôso, de 19 de Setembro de 1906, datada de Cascais:

«Uma vez — comunicava-me esta carta — depois dum jantar dos *Vencidos* na minha casa da Rua de S. Domingos á Lapa, incidimos sobre *O Tempo* (Jornal do Carlos) e ahí o José Maria Eça de Queiroz, em artigo de fundo, lançou o programa dos *Vencidos*: para responder á inquietação da imprensa do tempo, com *t* pequeno, que todos os dias se ocupava de nós.

Rimos muito com essa prosa, tão scintillante, mas não lhe poderei dizer o que era tal artigo.

«Tudo isso se me varreu da memória».

Saíu o artigo n' *O Tempo*, no jornal de Carlos Lôbo de Ávila, a 29 de Março de 1889.

Respondia ao que Pinheiro Chagas publicara, a 28, no seu *Correio da Manhã*.

Conquanto não trouxesse assinatura, logo, pela forma e pelo espírito, todos o atribuíram ao verdadeiro autor, inconfundível.

Era característico.

Ei-lo:

«O amável *Correio da Manhã*, fazendo hoje o retrato social dos *Vencidos da Vida*, um por um, para lhes contestar êste título acabrunhante, continua e engrossa o ruído de publicidade que a imprensa tem erguido ultimamente em tórno dêste grupo jantante, com considerável desgosto dos homens simples que o compõem.

Pode parecer talvez estranho que esta

ressoante publicidade assim magôe os derrotados.

¿ Não permitem êles, hebdomadariamente, que as gazetas anunciem a sua reunião em tôrno da mesa festiva?

É verdade.

Mas se o fazem é para que a opinião se não possa de modo algum equivocar sobre o motivo íntimo que tôdas as semanas os arranca dos seus buracos, para os ajuntar num gabinete de *restaurant*, ao lusco-fusco, no isolamento sumptuoso de quatro cortinas de reps.

Homens que assim se reúnem poderiam logo, neste nosso bem amado país, ser suspeitados de constituir um sindicato, uma filarmónica, ou um partido.

Tais suposições seriam desagradáveis a quem se honra de costumes comedidos; e o respeito próprio obriga-os a especificar bem claramente, em locais, que, se em

certo dia se congregam, é apenas para destapar a terrina da sôpa, e trocar algumas considerações amargas sôbre o Colares. De resto, o sussuro atônito que de cada vez levantam estas refeições periódicas não é obra sua — mas da sociedade que com tanto interêsse os espreita.

Êles comem — a sociedade, estupefacta, murmura.

O que é, portanto, estranho não é o grupo dos *Vencidos* — o que é estranho é uma sociedade de tal modo constituída que no seu seio assume as proporções dum escândalo histórico o delírio de 11 sujeitos que uma vez por semana se alimentam.

O que de resto parece irritar o nosso caro *Correio da Manhã* é que se chamem *Vencidos* aquêles que para todos os efeitos públicos parecem ser realmente *vencedores*.

Mas que o querido órgão, nosso colega, reflita que, para um homem, o ser vencido

ou derrotado na vida depende, não da realidade aparente a que chegou, — mas do ideal íntimo a que aspirava.

Se um sujeito largou pela existência fora com o ideal suprêmo de ser oficial de cabeleireiro, êste benemérito é um *vencedor*, um grande *vencedor*, desde que consegue ter nas mãos uma gaforina e a tesoura para a tosquear, embora a atravessasse pelo Chiado cabisbaixo e de botas cambadas.

Por outro lado, se um sujeito, aí pelos vinte anos, quando se escolhe uma carreira, decidiu ser um milionário, um poeta sublime, um general invencível, um dominador de homens (ou de mulheres, segundo as circunstâncias), e se, a-pesar-de todos os esforços e empurrões para diante, fica a meio caminho do milhão, do poema ou do penacho — êle é para todos os efeitos um vencido, um morto da vida, embora se pavoneie por essa Baixa amortalhado numa

sobrecasaca do Poole e conservando no chapéu o lustre da resignação.

Dito isto, só podemos ajuntar que os *Vencidos* oferecem o mais alto exemplo de moral, e social, de que se pode orgulhar êste país.

11 sujeitos que há mais de um ano formam um grupo, sem nunca terem partido a cara uns aos outros; sem se dividirem em pequenos grupos de *direita e esquerda*; sem terem durante todo êste tempo nomeado entre si um presidente e um secretário perpétuo; sem se haverem dotado com uma denominação oficial de *Reais vencidos da vida*, ou *Vencidos da vida real* ou *nacional*; sem arranjar estatutos no Govêrno Civil; sem emitirem acções; sem possuírem hino nem bandeira bordada por um grupo de senhoras «tão anónimas quanto dedicadas»; sem iluminarem no primeiro de Dezembro; sem serem elogia-

dos no *Diário de Noticias* — êstes homens constituem uma tal maravilha social que certamente para o futuro, na ordem das cousas morais, se falará dos *onze do Braganza* como na ordem das cousas heróicas se fala dos *doze de Inglaterra*.

«Dissemos (1)».

(1) Acha-se êste artigo transcrito de págs. 167 a 169 do livro por António Cabral consagrado a Eça de Queirós — à sua vida e à sua obra.

1. Introduction
2. Methodology
3. Results
4. Discussion
5. Conclusion



ERRATA

Pág.	Linha	Onde se lê:	Deve lêr-se:
1	3	<i>Portuguesa</i>	<i>Portuguêsa</i>
3	4	<i>demolidores</i>	<i>demolidôres</i>
"	7	construíram	construíram
4	10	concorreram	concorrêram
6	3	combateram	combatêram
7	17	<i>demolidores</i>	<i>demolidôres</i>
8	1	regeitado	rejeitado
"	2	regeitar	rejeitar
14	4	esperítos	espíritos
15	14	opiniões,	opiniões
"	18	imprevistos	imprevisto
19	18	17 de Maio	17 de Março
28	8	eloquência	eloquência,
29	18	encontrámo-lo	encontrâmo-lo
32	21	consciencioso	conciencioso
38	5	<i>pitoresco</i>	<i>pitorêsko</i>

INDEX

Page	Page	Page
1	10	19
2	11	20
3	12	21
4	13	22
5	14	23
6	15	24
7	16	25
8	17	26
9	18	27
10	19	28
11	20	29
12	21	30
13	22	31
14	23	32
15	24	33
16	25	34
17	26	35
18	27	36
19	28	37
20	29	38
21	30	39
22	31	40
23	32	41
24	33	42
25	34	43
26	35	44
27	36	45
28	37	46
29	38	47
30	39	48
31	40	49
32	41	50
33	42	51
34	43	52
35	44	53
36	45	54
37	46	55
38	47	56
39	48	57
40	49	58
41	50	59
42	51	60
43	52	61
44	53	62
45	54	63
46	55	64
47	56	65
48	57	66
49	58	67
50	59	68
51	60	69
52	61	70
53	62	71
54	63	72
55	64	73
56	65	74
57	66	75
58	67	76
59	68	77
60	69	78
61	70	79
62	71	80
63	72	81
64	73	82
65	74	83
66	75	84
67	76	85
68	77	86
69	78	87
70	79	88
71	80	89
72	81	90
73	82	91
74	83	92
75	84	93
76	85	94
77	86	95
78	87	96
79	88	97
80	89	98
81	90	99
82	91	100

Terminou
a impressão desta obra
na Imprensa da Universidade
aos 14 do mês de Maio
de 1931

THE
LIBRARY OF THE
MUSEUM OF COMPARATIVE ZOOLOGY
AND ANATOMY
HARVARD UNIVERSITY
CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS

